

apreciações. Observando as relações possíveis entre *A árvore das palavras* e *Os teclados*, considerarei o fato de os dois livros traçarem linhas mestras suficientemente fortes para compreendermos senão o conjunto da obra, pelo menos, certo traço de continuidade. Quero dizer com isso que, independentemente do tempo que refletem, existe em ambos os livros uma complementaridade entre a fatura romanesca e a matéria narrada. Não há, da parte de Teolinda Gersão, medo em arriscar a mescla das formas do romance nem receio de tocar a dimensão política de problemas que afetaram e afetam, ainda hoje, Portugal e suas ex-colônias.

Em *Os teclados*, a dimensão política aparece de modo fundamental na constante perquirição de Júlia sobre o lugar do artista nas sociedades modernas. Os incidentes que ela enfrenta até construir uma voz, ou música, em que se reconheça deságua na entrevista em que uma escritora responde a seguinte pergunta “havia pessoas que conduziam máquinas, transportavam pedras, tratavam doentes, assentavam ladrilhos – não seriam essas mãos mais úteis?” (Gersão, 2003, p. 55). A resposta é indiretamente dada pelo narrador: “essa questão era muito relativa, suspirou a mulher, que de súbito lhe pareceu muito cansada. Ela vivia debruçada sobre um teclado. Era o seu modo de existir, a sua forma de virtude. Não maior, mas de certeza também não menor que a de outros” (*Os Teclados*, Publicações Dom Quixote, p. 55). A aparente simplicidade da resposta (acompanhada de um suspiro de cansaço) aponta para uma infinidade de outras respostas possíveis, mas que cabem menos nas palavras que no suspiro e no cansaço de quem se dispõe a responder a pergunta.

Se, no livro de 2003, está em jogo a trajetória de Júlia, a sua formação, no livro de 1997, é a trajetória de Gita que se apresenta, e as escolhas que deverá fazer não são menos arriscadas que as feitas por Júlia. Mas o que afasta as duas narrativas é o manejo de Teolinda Gersão. À narrativa mínima de *Os teclados*, cheia de saltos que resultam em um texto enxuto, quase estiolado, *A árvore das palavras* se impõe como narrativa caudalosa, rica em descrições, impressões e imagens que buscam firmar no leitor a paisagem de uma perdida Lourenço Marques que não aparece como saudade lusitana, mas como memória na trajetória de Gita. Não se-

ria arriscado falar que a fatura romanesca em *A árvore das palavras* é mais realista. As personagens passeiam por Lourenço Marques e nós passeamos com elas da “Avenida da República, a 18 de maio e o cais” além, é claro, de vermos a empregada Lóia sumir-se abraçada às filhas em meio à poeira que os machimbombos levantam, conduzindo os trabalhadores negros ao lugar onde moram, o “Caniço”.

Na primeira parte do romance, quando Gita narra, podemos ler que Lourenço Marques “é uma cidade ordenada, de linhas regulares. E no entanto não doméstica, nem domesticável – não se podem domesticar as casuarinas, nem os coqueiros, nem os jacarandás. Nem o capim, nem o mato...” (1997, p 55). A cidade tem linhas regulares, mas a natureza, não. É nessa natureza indomável que se origina muito das atitudes de Gita, que encontrará seu lugar no mundo a partir de uma escolha assim definida no início da narrativa, ao evocar o quintal da casa de Laureano e Amélia, seus pais:

mas não era um jardim, era um quintal selvagem, que assim se amava ou odiava, sem meio termo, porque não se podia competir com ele. Estava lá e cercava-nos, e ou se era parte dele, ou não se era. Amélia não. Ou não queria ser. Por isso não desistia de o domesticar. Quero isto varrido, dizia ela à Lóia. Nenhuma casca de fruta podia ser abandonada, nenhum caroço deitado ao chão. Isso é lá no “Caniço”, insistia, sempre que queria repudiar qualquer coisa. Aqui não [...].
E logo ali a casa se dividia em duas, a Casa Branca e a Casa Preta. A casa Branca era a de Amélia, a Casa Preta a de Lóia. O quintal era em redor da Casa Preta. Eu pertencia à Casa Preta e ao quintal (1997, p. 11).

Se volto meu olhar para os espaços explorados nesse romance, verei que há uma ordenação das partes e uma cisão no interior das mesmas. O espaço é construído de dentro para fora: a casa, o quintal, as ruas, as avenidas, o cais, a cidade. Mas tal ordenação não quer significar acolhimento e abrigo. Já no interior da casa de Laureano e Amélia, pode-se ver a cisão entre os espaços privilegiados por Amélia (a Casa Branca) e os espaços ocupados por Lóia (a Casa Preta). Ao mundo asséptico de Amélia (por medo da malária, dos insetos,

A afirmação dos naturais da terra se dá, pois, por meio da sua inserção no mundo dos brancos e das formas de convivência que estabelecem com esses brancos. É bem verdade que, no caso específico de Amélia, o poder atrativo de Lóia não funciona: elas estão em campos opostos, uma é a senhora, a outra, a empregada. Contudo é a empregada que traz para si a filha da senhora e cativa a criança a tal ponto que a menina Zita torna-se Gita e passa a pertencer à Casa Preta.

Aqueles que pertencem à Casa Preta (Lóia, Gita e o próprio Laureano) estabelecem entre si laços de forte companheirismo e reconhecimento que não são possíveis na Casa Branca porque ela é habitada apenas por Amélia, personagem que constitui o contraponto de quase a toda a narrativa.

Ao falar de Amélia como um contraponto ao longo da narrativa, deve-se esclarecer que a imagem da quizumba (a hiena indecisa com que Lóia define a figura de Amélia) orienta muito do que a personagem nos diz. Obsessiva, obreirra, ambiciosa, Amélia deseja um mundo ao qual não tem acesso. Em oposição aos passeios feitos por Gita e Laureano, os passeios de Amélia se dão na parte rica de Lourenço Marques. É no bairro onde estão as casas dos ricos, com seus grandes recuos frontais e laterais, com seus jardins e aposentos suntuosos que Amélia se entrega à *flanerie*, sonhando, um dia, sair do lugar onde vive com Laureano e Gita. Ao ser convidada a passear com o marido e os amigos, ela recusa, alegando ter muito trabalho a fazer, contudo, essa mulher tem uma vida em segredo. Aos domingos, após todos terem saído, ela arrumava-se e "andava pelas ruas, sentava-se diante do mar. Tinha a cabeça tão cheia de coisas que preferia ficar sozinha. Só no último minuto apanhava o machimbombo, corria para casa, para chegar antes deles e sentar-se a trabalhar como se nada fosse. Era uma mentira inútil, mas tinha prazer em mentir-lhes" (1997, p. 106).

Além do prazer em mentir à filha e ao marido, ela tem prazer em humilhar Lóia, atormentar o gato Simba, jogando-lhe água fria enquanto ele dorme sobre a mesa do quintal e em construir juízos segregadores, entre os quais se destaca um, aquele segundo o qual:

o outro lado (da cidade, o pobre) existe para servir a este, levantado em frente ao mar [...]. O outro lado por teimar em embrenhar-se no novelo confuso do “Caniço”, perdia sempre, em dada altura a geometria. Enquanto que ali a geometria não corria o perigo de ser desfeita: estava defendida pelo mar (1997, p. 105).

A cisão entre a Casa branca e a Casa negra não se dá apenas nos devaneios de Gita, mas concretamente no corpo da cidade na qual as personagens pervagam. Assim como Gita faz suas escolhas e é escolhida pela África, Amélia escolhe mimetizar a figura dos brancos sul-africanos, escolhe a parte rica da cidade e, se despreza negros e indianos, não despreza menos os portugueses, pois está convicta de que “os loiros estão no ponto mais alto da hierarquia das raças e de que os escuros portugueses estão no fundo da escala, logo a seguir a indianos e negros” (1997, p. 67). Qual a origem de tal julgamento?

Há uma linhagem de personagens à qual Amélia se filia. A linhagem dos que se sentem traídos pela vida, enganados pelo destino. Dessa sensação de que foram enganados, nasce em tais personagens o desejo de se destacar, de sair de um lugar subalterno, mas por meios tão indignos quanto enganadores. Para fugir da condição de quase empregada na casa da madrinha e magoar ao rapaz que ama, ela atravessa o mar para casar-se em Moçambique com Laureano, para ela, um desconhecido. Casamento que se fez por atendimento ao anúncio de um jornal e que se repetirá com a própria Amélia, num ciclo ao qual parece que ela não pode fugir. A amargura de Amélia ao se sentir traída pela vida leva-a a afastar de si tudo que não se pareça com o que ela considera, ingenuamente, a realização das ambições. É sempre num outro, estrangeiro, branco, de nome impronunciável, que ela encontra a promessa de uma felicidade materializada em vestidos, perfumes e recortes de jornal. Associado à insatisfação ontológica de Amélia está um certo bovarismo e a necessidade de escapar a qualquer destino que não se pareça com o que ela sonhou. Essa recusa à realidade concreta, tonalizada pela incapacidade, ou falta de vontade de ver o outro (negro, indiano ou português) como diferente e igualmente digno opõe-se à trajetória de um outro imigrante, Laureano.

Laureano (ao contrário do que o nome diz, uma figura que perdeu todos os louros) é aquele que ensina Gita a olhar o outro com isonomia e a respeitá-lo na diferença. Toda segunda parte de *A árvore das palavras* conta a história de Amélia, mas essa história é temperada pela presença de Laureano e, novamente, o manejo na construção romanesca contrapõe as atitudes de Amélia às dele. À atitude racista de Amélia, Laureano adota uma outra, integradora que, aos olhos de sua mulher, é absurda. Essa tensão, que perpassa a segunda parte do romance, aparece no corpo do texto, no seu planejamento gráfico até. Ao inserir, em meio ao discurso indireto de Amélia, parágrafos que refletem a atitude de Laureano para com a terra, para com os negros, para com o próximo é que Teolinda Gersão nos mostra diferentes formas de o branco europeu lidar com a sua trajetória pessoal e com a política colonial.

Muito embora as trajetórias de Amélia e Laureano se assemelhem na infância e adolescência pela pobreza extrema, pela violência a que foram submetidos (ele vergastado pelo pai, ela, pela tia) e pela derrelição, as formas encontradas por ambos os personagens para dar uma resposta à vida são diversas. Ela responde com a raiva, com o desprezo pelo outro e com a mentira. Ele, com a construção de uma rede de afetos muito semelhante à de Lóia, daí o reconhecimento da dor alheia e sua atitude compassiva ao constatar essa dor, por exemplo, em um quadro comprado a um ambulante:

no quadro, a mulher negra afastava-se, de costas, com a lata de água na cabeça, levando a criança pela mão. Duas figuras magras, isoladas, trepando com esforço o caminho a subir, que se perdia no mato mais adiante. Tinham andado muitos quilômetros, por uma lata de água, pensou. Conhecia na vida real, aquelas silhuetas esgalgadas que transportavam água à cabeça, percorriam distâncias com os pés descalços – o quadro apenas esboçava, como se os confundisse com a terra. [...] Conhecia uma mulher que pusera a um filho o nome de Sofrimento. Um menino negro que se chamava Sofrimento Nassiaaca (1997, p 140-141).

É essa capacidade de importar-se com o outro que distancia Laureano

de Amélia, faz dele o espelho de Gita e um dos pertencidos à Casa Preta. Voltamos, pois, ao pertencimento, elemento designador não só de uma escolha, mas das redes de relações estabelecidas entre diferentes indivíduos em face de um sentimento comum. Para Gita e Laureano, o pertencimento advém do laço que se estabelece entre eles e a África. Falar dos laços que unem o colonizador à terra que o recebe pode resultar em ingenuidade se não se leva em consideração que o lugar do colonizador é, antes de qualquer coisa, o do estrangeiro. Mas não exatamente do estrangeiro como proposto por Georg Simmel em seu conhecido ensaio. Para Simmel, o estrangeiro não é “o viajante que chega hoje e parte amanhã”, mas aquele que “chega hoje e amanhã fica”. Este “ficar”, em Simmel, põe o estrangeiro em uma condição diferenciada, pois, se é estrangeiro em uma nação livre, logo encontrará um lugar como, por exemplo, comerciante, assumindo um posto que, no passado, caracterizou os judeus e, hoje, pode caracterizar os coreanos e os indianos. Mas o estrangeiro-colonizador, condição de Laureano e de sua família, não tem esse perfil.

O estrangeiro-colonizador, por sua história, traz as marcas do processo colonial, que no caso de Moçambique, funda-se na Conferência de Berlim (1884-1885), quando os países europeus em desenvolvimento e o império otomano reuniram-se para dividir a África entre si. Nessa divisão, Portugal levou Angola e Moçambique, tendo posteriormente seus sonhos de unificação pulverizados pelo ultimato inglês. O problema, como bem diz Alfredo Bosi no seu *Dialética da Colonização* é que “a colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório” (p. 13). Além disso, “a colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do colo (que significa, em latim, eu moro, eu ocupo a terra): ocupar um novo chão, explorar seus bens, submeter seus naturais” (p. 15). Quer dizer então que o lugar do homem português e de sua família, por mais aderente que seja, não é necessariamente o lugar de quem é um habitante natural da terra, mas o daquele

que chega para ocupá-la e modificá-la. Cabe principalmente à Amélia o ato de submeter a terra e quem é da terra enquanto Laureano, partícipe menor do movediço jogo da busca pela ascensão na colônia, é um perdedor e um estrangeiro para quem a terra natal ficou longe demais.

É nesse contexto que Gita aparece como um ser novo: é filha de estrangeiros, mas nasce em terra africana, alimenta-se de leite africano e pertence a uma casa africana. Nesse processo, a influência de Laureano, sempre desqualificado por Amélia, não é pouca. Se o processo de identificação para Gita se inicia com o pertencimento à Casa Preta, ele se consolida no nome que toma para si ao aprender a escrevê-lo: "Zita Marcelino Capítulo – este é o meu nome, que herdei de ti, Laureano Capítulo" (p. 81). O nome deixado por Amélia sequer aparece na lembrança de Gita e é possível que essa ausência se justifique, mais do que pela relação entre mãe e filha, pelo sobrenome sugestivo da escrita e da presença portuguesa como parte do grande livro da história africana. Essa passagem que constitui a presença portuguesa em terras de África, escrita com grande dor e grandes perdas, está sintonizada com a trajetória, com a formação de Gita.

Conhecida a história de Amélia, fecha-se a segunda parte do livro e passamos para a história de Gita, já entrando na vida adulta. Ao fim da primeira parte, deixamo-la a fazer um feitiço para que Amélia vá para longe a fim de dar paz aos habitantes da Casa Preta. Mas quem pratica feitiços deve saber que, para cada pedido atendido, há um preço cobrado de tal modo que Amélia parte para viver na Austrália em companhia de um certo Bob Pereira, caindo Laureano numa apatia da qual não consegue sair jamais. Amélia parte e Laureano entristece até a velhice. Essa tristeza, nunca assumida por Gita, como resultado de um feitiço, como preço pago pela partida de Amélia, aparecerá ao fim da narrativa como parte de um mundo envelhecido e que clama por modificar-se. Perdida a infância, perdida a mãe preta Lóia, Gita resta na casa de Laureano como responsável por ele e pela sombra de alegria que ele venha a ter. Seus estudos secundários estão chegando ao fim e ela encontrou seu primeiro amor, planeja ter com ele uma casa e faz projetos para isso.

Nesse instante romântico, ecoa uma frase que, dita depretenciosamente, acaba por fechar o ir e vir entre o público e o privado: “de resto perante as coisas decisivas que acontecem no mundo, que importância tem um par de namorados?” (1997, p. 214). A resposta é simples: nenhuma. Essa iniciação amorosa chegará ao fim de forma contundente, enquanto isso, das conversas com o colega Roberto, Gita recebe ensinamentos sobre as desigualdades na África, não só entre brancos e negros, mas entre os próprios negros, entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres. Dos amigos que vão a Portugal, ela recebe notícias que lhe parecem dignas de riso: a severidade dos costumes, a hipocrisia, o importar-se com a opinião alheia, a submissão a uma série de preceitos que, para uma menina criada na Casa Preta, são impossíveis. Acima de todas essas coisas, estoura a guerra para libertação de Moçambique. É a voz de Laureano que, mais uma vez, é decisiva: “Portugal era um país mal governado. Mal pensado. Lisboa não dialogava com os africanos” (1997, p. 208). Para além da guerra que prepara a independência de Moçambique, insinua-se a queda do regime salazarista. Volto à pergunta: que importância tem um par de namorados diante de tudo isso?

A primeira experiência amorosa de Gita é toldada por uma série de impossibilidades e diferenças, especialmente a impossibilidade de trocar afeto às claras devido às convenções sociais e a diferença de classe que se impõe entre ela e o namorado. Ela é independente o suficiente para escolher as formas de externar o afeto e ele, preso demais às convenções burguesas, e ao que o pai lhe dita, para acompanhá-la em uma experiência amorosa que destoa do que se espera de uma moça branca e de classe média. Covardemente abandonada pelo namorado, Gita logo percebe que outros percalços virão. Ela sabe que não é simples encontrar um lugar social, ou construí-lo, quando, no universo aparentemente estável da colônia, o que parecia plenamente estabelecido começa a ruir.

Aqui o processo formativo de Gita em África se completa. Concluídos os estudos, que resta a ela senão o caminho para Portugal, terra onde ela será a estrangeira, onde ocupará o lugar subalterno da parenta que faz as vezes

de empregada? Ela sabe disso tudo e enfrenta um novo ciclo do processo formativo: agora se abre o enfrentamento com a matriz de onde vieram seu pai e sua mãe, o enfrentamento com a alteridade européia de que ela tanto desconfia. E, assim como o processo de independência em Moçambique é análogo ao processo de independência de Gita, sua partida para Portugal parece indicar um novo movimento migratório no qual os que fizeram a riqueza portuguesa voltam para a matriz numa espécie de ajuste de contas que não se deu apenas em Portugal, com os africanos de origem portuguesa e os negros, mas também na Inglaterra, com indianos e paquistaneses, no Japão com os decaseguis e, de certo, em outros pontos do mundo.

Dona de si, pertencida à África, mulher em constante enfrentamento com a autoridade, Gita pode mover-se pelo mundo, não porque queira um casamento, como Amélia, nem porque não tenha alternativas, como Lóia, mas porque está constituída como sujeito, tem um nome e se reconhece: "a independência, repito, fascinada, como se até aí não tivesse percebido que é disso, finalmente, que se trata: um dia é-se livre, e já não se depende de ninguém" (1997).

No silêncio da noite em que Gita se despede de Laureano, inicia-se um novo Capítulo para ela, para Moçambique e para Portugal, Capítulo que Teolinda Gersão apenas sugere.

Referências

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

GERSÃO, Teolinda. *Os Teclados*. Lisboa: edições Dom Quixote, 2003.

_____. *A Árvore das Palavras*. Lisboa: edições Dom Quixote, 1997.